Correio da Manhã

Divulgação

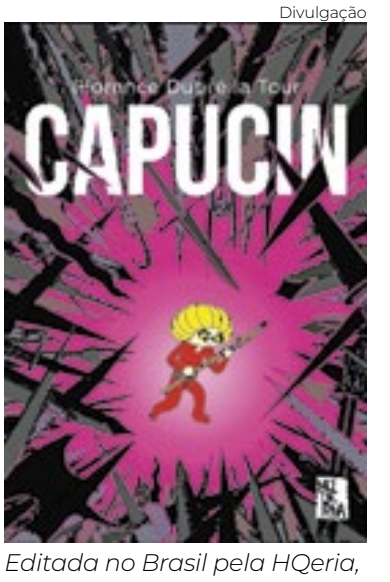
#cm 2 SEGUNDA-FEIRA

DE VOLTA À CIDADE-QUADRINHO

APÓS **CANCELAMENTO EM 2026 E CRISE DE GESTÃO,** O MAIS PRESTIGIADO FESTIVAL DE **HQS DO MUNDO,** SEDIADO NA SIMPÁTICA ANGOULÊME (SUDOESTE DA FRANÇA), **REABRE EM JANEIRO DE 2027** COM NOVA DIRETORIA E FOCO EM PAUTAS INCLUSIVAS E AUTORAIS. PÁGINA 2

Novos balõezinhos para Angoulême

Divulgação



Editada no Brasil pela HQeria, a quadrinista Florence Dupré la Tour ganha retrospectiva no evento

FESTIVAL ANGOULÊME INTERNATIONAL DE LA BANDE DESSINÉE

O mais prestigiado festival de quadrinhos do mundo, criado na França em 1974 e cancelado este ano, reabre em janeiro, sintonizado a pautas inclusivas, atento a novas vozes autorais

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Sinônimo territorial de história em quadrinhos desde 1974, quando passou a sediar o festival de maior prestígio internacional do setor (mais pomposo do que a Comic Con de San Diego), a cidade francesa chamada Angoulême anunciou esta semana o que promete ser uma maratona de reinvenção de sua própria História e, ao mesmo tempo, um fórum sobre os rumos das artes gráficas no futuro.

Após o controverso cancelamento da edição de 2026, movida por denúncias de corrupção e abusos, numa crise (política inclusive) que abalou o mercado franco-belga, nasce agora um evento radicalmente novo: o Angoulême Bande Dessinée. A data: 28 e 31 de janeiro de 2027.

Entra em campo uma nova diretoria, com a promessa de exposições dedicadas às quadrinistas Anouk Ricard e Florence Dupré la Tour, além de um painel sobre o animador indicado ao Oscar Ugo Bienvenu (de "Arco"), com prêmios em dinheiro para artistas que passem pelo crivo de sua competição de Melhor Álbum, em busca do troféu Fauve d'Or. O niteroiense Marcello Quintanilha foi um dos contemplados com essa láurea. Ele conquistou-a em 2022, com "Escuta, Formosa Márcia".

Outrora chamado de Festival Internacional de Banda Desenhada de Angoulême, essa micareta de HQs autorais, criada em 1974, já promoveu até comemoração aos 80 anos do Batman, em 2019, num flerte com a ala mais industrial de seu mercado editorial. A crise que quase levou à sua extinção veio da insatisfação de autores e editoras com a condução comercial do evento e com o ambiente de trabalho da antiga organização, a 9e Art+. As acusações de gestão tóxica e de omissão diante de um caso de violência sexual gerou uma onda de protestos e levou a um mal-estar os grandes grupos editoriais, que anunciaram seu desligamento momentâneo da programação.

Divulgação



As paredes de Angoulême pintadas com referências de HQs são pontos obrigatórios de visitação

Reprodução



Quadrinhos da francesa Anouk Ricard ganham exposição na cidade

Divulgação



Material promocional para o regresso do Festival de Angoulême em 2027

A própria prefeitura de Angoulême – que vive do turismo, em parte por conta da atração internacional gerada por casas decoradas com personagens clássicos de tiras de jornal e de revisitinhas - defendeu o cancelamento. Assim, o Ministério da Cultura francês retirou subsídios. No entanto, como aquele festejo de quadrinhófilos virou uma tradição e tem força para mobilizar 200 mil visitantes ao ano, uma solução apareceu: zerar tudo.

Nos próximos 60 dias, o Grupo Morgane (empresa conhecida pela organização de grandes eventos musicais, entre eles as "Francofolies de La Rochelle" e o "Printemps de Bourges"), foi escolhida para realizar o festival. Sua convocação foi uma decisão oficial da Associação para o Desenvolvimento da Banda Desenhada em Angoulême (ADBDA), que reúne representantes de instituições públicas, editoras e profissionais do setor. A nova equipe terá cinco anos para conduzir o projeto, tornando-o mais pop, com mais atenção a questões queer e a pautas feministas.

Agora, a seleção oficial de concorrentes será reduzida a 40 álbuns, em vez dos cerca de 60 que costumavam integrar o recorte anterior. Os comitês responsáveis pela escolha terão participação de profissionais do mercado, livreiros, jornalistas e representantes da área cultural, incluindo um autor e uma autora em cada grupo. A intenção é ampliar a diversidade de linguagens, formatos e públicos contemplados, sem transformar a seleção numa disputa dominada apenas pelos títulos de maior circulação comercial.

Desde a década de 1970, os romances gráficos que concorriam em Angoulême recebiam um selinho em suas capas, o que aumentava suas vendas. Foi por conta desse selo que a obra de Quintanilha ganhou mundo.

Para 2027, segundo sites como o Bleeding Cool e o Comics Beat, cada vencedor receberá 2.500 euros, além de um troféu de bronze. Os prêmios destinados aos quadrinhos infantis e juvenis serão incorporados ao palmarès oficial, em vez de permanecerem como uma área paralela. Também está prevista uma distinção de grande prestígio para reconhecer a trajetória de um autor ou autora, equivalente ao antigo Grand Prix, mas com nova denominação.

Entre os planos para janeiro, haverá uma mostra dedicada ao roteirista Xavier Dorison, outra voltada à artista sul-coreana Yoon-Sun Park e uma exposição ligada à antologia feminista "Hairspray", em diálogo com a produção de quadrinhos feita por mulheres. O universo de Thorgal também terá lugar de destaque. A exposição "Thorgal, Les Vies D'un Heros", dedicada à criação de Grzegorz Rosinski e Jean Van Hamme, estará aberta no Museu da Banda Desenhada durante o período do festival, embora tenha começado em julho de 2026 e permaneça em cartaz até maio de 2027. O mesmo vale para "LGBTQomics: Lettres D'amour À La Bande Dessinée", retrospectiva sobre a produção LGBTQIA+ no universo dos quadrinhos, em cartaz desde maio e prevista para permanecer no museu até março de 2027.

Divulgação



Nem Hollywood dá conta do Celacanto que provoca maremoto e cospe raios que está lotando os cofres japoneses em 'Minus Zero'

O rei (dos monstros) voltou

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Vindo do Japão, 'Minus Zero' destroça concorrências e peita até produções de Hollywood apoiado na força pop do gigantesco Godzilla, criado em 1954 e laureado com um Oscar em 2024

Um dos primeiros caça-níqueis de Hollywood agendados para 2027 é "Godzilla e Kong: Supernova", que explora o combate entre leviatãs ancestrais da Terra. Desde 2014, o monstro verde que hoje une forças ao gorila mais famoso da ficção vem dando um troco legal para os estúdios dos EUA, mas é em sua terra natal, o Japão, que ele faz a festa... e há 72 anos. Tem um respeito tão grande pelo bicho que seu filme original, "Gojira", de 1954, ganhou sessão de gala na Berlinale, 2024, comemorando suas sete décadas de existência.

A celebração tinha um motivo nobre, a obra-prima de sua franquia, de CEP nipônico, "Godzilla Minus One", de 2023, foi coroada com um Oscar, o de Melhores Efeitos Visuais, e, de quebra, arrecadou US$ 113 milhões planeta adentro, transformando-se num dos maiores fenômenos pop da indústria japonesa – pátria de Akira Kurosawa, Yasujiro Ozu, Hayao Miyazaki e outras divindades - nas telas. É por conta destas vitórias todas que, neste momento, há "Minus Zero" em circuito... a lotas salas de projeção... no Rio e no mundo todo. Superproduções faladas em inglês andam perdendo feio para ele nos multiplexes.

Embora hoje ande encantado com "O Sentido da Vida" ("Soudain"), de Ryusuke Hamaguchi, que é seu representante oficial na busca por indicações a estatuetas hollywoodianas (e tem uma sessão no Rio nesta terça, às 18h50, no Estação Claro Rio), o Japão encontra em seu mais novo Godzilla uma fonte de lucro rara.

Toho.Co



O Godzilla original, de 1954, foi recauchutado pela Berlinale

Lançado em sessão especial no Festival de Nova York, o longa é uma produção de US$ 10 milhões que faturou cerca de 60% desse valor em seus três primeiros dias em cartaz em Tóquio. O que tem de bonequinho, de caneca e de camiseta com as feições escamosas do Celacanto que provoca maremoto (e destrói prédios) hoje à venda é de impressionar o mais ambicioso dos mascates.

Pedra fundamental desse império, "Gojira" foi dirigido na primeira metade da década de 1950 por Ishirô Honda (1911-1993), cineasta responsável pela criação do rei das bestas colossais ao lado de Tomoyuki Tanaka e Eiji Tsuburaya. Em sua trama, Godzilla é um ser pré-histórico que ganha proporções GG e uma série de poderes atômicos, numa ressaca dos testes nucleares da II Guerra Mundial.

Foi "Minus One" quem melhor explorou essa origem histórica. É o 37º longa sobre o bichão cospe-raios. A direção de Takashi Yamazaki impressionou a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas hollywoodiana. Fiel ao legado de honda, ele filmou na região insular de Konshu, de março a junho de 2022.

O realizador deu à trama um timbre de folhetim, sem descuidar das sequências de ação e de quebra-quebra por um Japão assombrado pela explosão de bombas em Hiroshima e Nagasaki, em 1945.

Takashi também dirige "Minus Zero". A trama se passa em 1949, dois anos depois dos acontecimentos de Godzilla Minus One. O Japão ainda tenta se reerguer dos estragos da Segunda Guerra Mundial e da devastação provocada pelo monstro. O antigo piloto kamikaze Koichi Shikishima, novamente vivido por Ryunosuke Kamiki, agora divide a vida com Noriko (Minami Hamabe) e a filha adotiva Akiko. A aparente estabilidade dessa família é ameaçada quando uma nova criatura surge para espalhar destruição pelo território japonês.

O adversário atende pelo nome de Ghidorah. Inicialmente apresentado como um ser de uma só cabeça, capaz de disparar raios pela boca, ele se transforma numa entidade dourada de três cabeças e duas caudas, dotada de uma força devastadora. Cientistas identificam sua origem extraterrestre e tentam compreender a natureza do inimigo, enquanto o governo organiza uma operação para detê-lo. Os ataques, porém, não conseguem impedir a escalada da violência. Diante do fracasso das armas convencionais, a reaparição de Godzilla passa a ser encarada como a única possibilidade de conter a ameaça.

A batalha entre os dois gigantes coloca Shikishima novamente diante de seus traumas e de uma escolha que ameaça sua tentativa de reconstruir a vida.

O cientista Kanji Murakami, interpretado por Min Tanaka, também carrega as cicatrizes da guerra: sobrevivente do bombardeio de Hiroshima, ele alimenta um desejo de vingança contra os Estados Unidos e pretende transformar Godzilla numa arma. A narrativa, assim, não se limita ao espetáculo de prédios em ruínas e criaturas colossais. O conflito entre os monstros prolonga a discussão sobre as consequências da violência humana, a memória da guerra e o risco de instrumentalizar forças que ninguém consegue controlar.

A produção também entra para a história técnica do cinema japonês como a primeira filmada para o formato IMAX, ampliando a escala das sequências de destruição concebidas por Yamazaki. A longevidade de Godzilla está justamente nessa capacidade de mudar sem abandonar suas raízes monstruosas.

MORA NA **FILOSOFIA***

por ALDO TAVARES

Reprodução



Aldous Huxley (1894–1963), escritor, romancista e filósofo britânico

Um papo com Aldous Huxley

Gosto muito do outono inglês. Estou em Godalming, Inglaterra, onde nasceu o meu entrevistado de hoje, autor de "Retorno ao Admirável mundo novo", publicado no Brasil, 2021, pela Biblioteca Azul. Nosso encontro se deu pela manhã em Phillips Memorial Park, o mais histórico parque da região. Com a pontualidade de quem tem a polidez de um rei, Huxley chegou na hora e, antes de eu perguntar, fez questão de reconhecer a vital importância de Lula não só para a democracia brasileira, mas para o mundo. Quando acabou de fazer o "L", perguntei.

De extrema-direita, o partido Reform UK, liderado por Nigel Farage, tem ganhado força nas eleições locais e nas pesquisas.

Aldous Huxley - Na política, os olhos devem estar sempre abertos, por isso que hoje nosso primeiro-ministro é do Partido Trabalhista, Andy Burnham, e a Câmara dos Comuns é composta pela maioria Trabalhista. Quanto à vitória de Lula, ela simboliza exemplo político para os ingleses.

Sobre instituições democráticas, o que o senhor tem a dizer?

Elas são dispositivos para reconciliar a ordem social com a liberdade e a iniciativa individuais, e para submeter o poder imediato dos governantes de um país ao poder final dos governados.

Acompanhou a propaganda política da extrema-direita no Brasil?

Do começo ao fim.

E aí?

Foi uma propaganda a favor da ação ditada pelos impulsos, pelas paixões, que, estando abaixo do interesse próprio, ofereceu evidências falsas, distorcidas ou incompletas.

Seja mais claro.

Associaram, astutamente, as paixões mais baixas aos ideais mais elevados para que atrocidades venham a ser cometidas em nome de Deus, em nome de princípio religioso e patriótico.

Qual o sentido de "evidências falsas"?

É que a falsidade evoca alguma emoção agradável ou o apelo à irracionalidade toca fundo o caráter primitivo e subumano do nosso ser.

O que pode ser feito?

Podemos ser educados para liberdade.

Diga mais.

A liberdade está ameaçada, e a educação para a liberdade é algo urgentemente necessário, porque um homem pode estar preso fora da prisão, uma prisão psicológica ou um prisioneiro psicológico, compelido a pensar, a sentir e a agir como o representante do Estado nacional. Existe o habeas corpus, mas nunca haverá um recurso de habeas mentem.

E para concluir a entrevista...

Digo que a vítima da manipulação da mente não sabe que é uma vítima. As paredes de sua prisão são invisíveis, quer dizer, sem a educação para a liberdade, não podemos nos tornar totalmente humanos.

***Entrevistas fictícias com grandes pensadores a partir de seus escritos**

Divulgação



O premiado pianista Zhu Wang vai executar o Concerto nº 2, de Rachmaninoff, com a OSB Jovem

Os jovens **virtuoses**

Zu Whang, pianista chinês de 18 anos, abre, na Sala Cecília Meireles, a série 'Novos Talentos – Estrelas do Piano'

AFFONSO NUNES

Divulgação



Olivia Tebaldi e Sara Canal também apresentam recital durante o evento

Na noite de 9 de novembro de 1901, Sergei Rachmaninoff sentou-se ao piano em Moscou para a primeira apresentação de seu Concerto nº 2. Cento e vinte e cinco anos depois, a mesma partitura, escrita quando o compositor russo procurava se reerguer de um período de bloqueio e descrédito, chega à Sala Cecília Meireles pelas mãos de outro jovem músico em começo de rota internacional: o chinês Zhu Wang, de 18 anos, em sua primeira apresentação em palcos brasileiros.

O concerto encerra a noite de abertura da série "Novos Talentos – Estrelas do Piano", do Festival Internacional de Piano do Rio de Janeiro. Wang estará à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem, sob regência da francesa Nathalie Marin. Antes de Rachmaninoff, percorre uma sequência que não economiza contrastes: a "Barcarolle", op. 60, de Chopin; a "Humoresque", op. 20, de Schumann; e "Triana", da segunda caderneta de "Iberia", de Albéniz.

Nascido na província chinesa de Hunan, Wang entrou no Curtis Institute of Music em 2020 e também estudou na Juilliard School. A lista de prêmios recentes ajuda a dimensionar por que a estreia carioca interessa: em março, venceu o Concurso Internacional Maria Canals, em Barcelona; antes, recebeu a medalha de ouro do Concurso Internacional de Piano de Nova Orleans e o prêmio do público do Concurso de Cleveland. Mais do que uma vitrine de currículo, o programa exige de um pianista ainda adolescente a mudança de escala entre a miniatura espanhola, o romantismo de Schumann e a arquitetura expansiva do concerto de Rachmaninoff.

O Festival Internacional de Piano, dirigido por Lilian Barretto, também chega a essa edição carregando sua própria história de formação. A iniciativa nasceu do Concurso de Piano do BNDES, realizado entre 2009 e 2016, e ampliou seu campo para bolsas, cursos de afinação, doação de pianos de estudo e circulação de jovens intérpretes como os musicistas da própria OSB Jovem.

No dia 15, a programação prossegue com as brasileiras Olívia Tebaldi, de 15 anos, e Sara Canal, de 14, ao lado da Orquestra Sinfônica Jovem Chiquinha Gonzaga, regida por Priscila Bomfim.

SERVIÇO

FESTIVAL INTERNACIONAL DE PIANO DO RIO DE JANEIRO

Sala Cecília Meireles (Largo da Lapa, 47, Centro)
9/11, às 19h
Ingressos: R$ 20 e R$ 10 (meia)

CRÍTICA DISCO | FASE DE CRESCIMENTO

AQUILES RIQUE REIS*

O futuro das crianças

(Pensar sobre esse destino é fundamental...)

Divulgação



Em 'Fase de Crescimento', Sério Pererê e Thiago Braz pesquisam em torno da canção infantil e da musicalidade brasileira num trabalho de arranjos e versos criativos

Mais do que isso, é o dever de quase todos, desde sempre. Explico o "quase": ele procede da avalanche de pessoas que pensam atravessado, isso mesmo, de soslaio com a realidade. Ainda o "quase": ele vem da presença aterrorizante de quem nega a ciência e grita que crianças de catorze anos têm de ser encarceradas, e outros absurdos.

Ao perceber que uma mudança de postura seria necessária, a partir de uma atuação mais assertiva nas ruas e logo, também, na internet, a juventude estudantil niteroiense reviu a sua participação cidadã e iniciou o enfrentamento às diabruras dos reacionários de plantão. E, com um engajamento arrebatador, alastrou-se Brasil afora!

Após o medo e risco iminente de eleger um cara que pensa tantas barbaridades, foi com isso nas ideias que me encantei com o álbum "Fase de Crescimento" (independente), de Sérgio Pererê e Thiago Braz.

Assim comentaram os parceiros, nas 13 faixas compostas a partir das mudanças infantis no tempo: "Trocar os dentes, aprender a caminhar, descobrir o próprio encanto, fazer perguntas sem resposta e compreender que a vida está sempre em movimento". Certos estão de que criança tem de ser estimulada a pensar em si e nos que a cercam, só assim se formarão cidadãos que cuidarão do próprio futuro e do bem-estar de todos.

Divulgação



Sérgio Pererê, músico, compositor e educador, marcou presença na gravação com percussões de diferentes tradições e referências da música afro-brasileira, das culturas tradicionais e contemporâneas. Já Thiago Braz, compositor, cantor e violonista, fez jus à sua pesquisa em torno da canção infantil e da musicalidade brasileira. Arranjos e versos criativos vêm como chamamentos à conscientização de crianças e adultos.

Exemplo? Em "Fase de Crescimento", uma criança faz vocalises. Logo a ela se junta uma voz masculina, e juntos seguem cantando. A letra tem a cara dos autores: "Tô em fase de crescimento/ Minha voz mudou bastante com o tempo/ E juntou com minha voz, meus pensamentos/ Sobre todas as questões (...)". Enfim, um belo convite para crescermos juntos.

Convicto, recomento entusiasticamente a audição! Ouça o álbum completo em https://l1nq.com/i9eww01.

Ficha técnica

Sérgio Pererê e Thiago Braz: vozes e produção musical; André Cabelo: gravação, mixagem e masterização (Estúdio Engenho, BH); Acauã Rane (baixo, guitarras e cavaquinho), Fred Selva (sintetizadores e atmosferas sonoras), Pedro Pedrosa (violão), Thamiris Cunha (clarinete, clarone e voz) e Wesley Moura (pandeiro). Vozes infantis também aparecem ao longo do repertório, aproximando ainda mais o trabalho do universo que ele retrata. Há ainda Elias Gibran (produção executiva), Camilo Martins (ilustrações) e Ronei Sampaio (design).

***Vocalista do MPB4 e escritor**

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**

Divulgação



Hayley canta no Rio

O Qualistage recebe nesta segunda-feira (9) "The Hayley Williams Show", apresentação que desloca a voz do Paramore para o repertório de seus três discos solo. A escala carioca inclui canções de "Ego Death At A Bachelorette Party", álbum lançado em 2025 pelo Post Atlantic, selo independente criado pela artista eleita pela Bollboard uma das maiores vocalistas de rock de todos os tempos. A cantora e compositora Annie DiRusso abre a noite com os canções de "Super Pedestrian" (20225), seu álbum de estreia. A partir de R$ 282,50 (meia).

Divulgação



Papo com Dudu Nobre

O cavaquinho de Dudu Nobre não fica de bobeira nem enquanto ele conversa. Convidado da "Resenha Dá Samba", o cantor e compositor carioca divide o palco do Teatro Rival Petrobras com o diretor e produtor Marcos Salles para revisitar episódios de sua trajetória e tocar sambas que atravessaram essa caminhada. A nova edição do projeto de bate-papo e roda, idealizado por Salles, será nesta segunda-feira (9), às 19h30. A entrada é gratuita, com ingressos distribuídos na bilheteria a partir das 18h, no próprio dia.

Diculgação



O swing de Wilson Meireles

Com Wilson Meireles a bateria não é pano de fundo, mas a dona da festa. Em "Baile Atemporal", o percussionista e baterista lidera um quinteto de jovens músicos que relê de forma inventiva o repertório de Gilberto Gil - com quem colaborou por anos em palcos e estúdios de gravação - e outros compositores. Tudo embalado em arranjos de jazz, bossa, MPB e pista de dança. O grupo se apresenta nesta segunda-feira (9), às 20h, no Audio Rebel, em Botafogo. Ingressos custam R$ 25 antecipados e R$ 30 na bilheteria.

Um submundo de **vidas suspensas**

Peça de Miguel Serpa sobre dois internos de uma clínica psiquiátrica reabre o Teatro Qorpo Santo, da UFRJ

O Teatro Qorpo Santo, no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), volta a receber público com uma peça que nasceu dentro do próprio prédio: "Entre Ratos", texto de estreia de Miguel Serpa na dramaturgia, com direção de Daniel Chagas.

A trama se passa em uma clínica psiquiátrica de elite que enfrenta uma infestação de ratos e um problema pior: o assassinato da psiquiatra-chefe, doutora Brigitte Webber. Enquanto o crime é investigado, a narrativa acompanha a relação entre dois internos, Maurício e Lucas. O primeiro é tímido e acanhado; o segundo, expansivo e violento. À medida que se envolve com o namorado, Maurício passa a questionar até onde Lucas é capaz de chegar quando se vê encurralado.

"Os pacientes, abandonados na clínica por suas famílias, passam a habitar este submundo onde suas vidas foram suspensas, como uma segunda classe que ninguém quer ver. Além da degradação física do espaço, temos a degradação psicológica e moral dessas personagens", diz Serpa, que também está em cena.

A peça surgiu de duas experiências de formação do ator e dramaturgo, formado no curso técnico da Casa das Artes de Laranjeiras. Em "Sangue", do norueguês Lars Norén, ele interpretou Luca, um jovem agressivo. No mesmo período, viveu Moritz, de "O Despertar da Primavera", marcado pela fobia social e pelo medo do sexo. "Nessa experiência de dar vida a dois personagens completamente diferentes no mesmo período, eu comecei a imaginar como seria se um dia Luca e Moritz se encontrassem, e como seria a relação entre eles. Dessa ideia, eu criei Maurício e Lucas, e todo o contexto da clínica veio através disso", explica. Entre as referências, cita Nelson Rodrigues, Tennessee Williams e a filmografia de Gregg Araki.

Sobre a direção, Miguel destaca que o trabalho de Chagas, marcado pela fisicalidade dos atores, ajudou a transformar a verborragia do texto em ação e movimento. "'Entre Ratos' foi concebido para deixar o teatro explícito. Enquanto veículo, enquanto edifício, enquanto leitura da humanidade. Estamos dentro do IPUB, essa concretude me impulsionou a buscar outra forma de desenvolver a existência ficcional da peça. Seria pequeno tentar reproduzir alguma imagem de verossimilhança, acabaríamos engolidos pela realidade do próprio Instituto', destaca.

Diante desta condição, a direção optou por não deixar dúvidas que "Entre Ratos" é uma peça de teatro e não a reprodução mimética da vida. "Fazemos isso assumindo conceitos habituais do Teatro Épico. A ficção é constantemente capturada pelo artifício cênico. O público acompanha como o fazer teatral constrói e desconstrói a condução narrativa, o espaço e as próprias personagens", afirma o diretor.

Criada por artistas recém-formados em busca de espaço na cena teatral, a montagem reflete o olhar de uma geração que cresceu ouvindo que os preconceitos haviam sido superados, mas ainda convive com eles. "Em um momento do nosso país em que pessoas LGBTQIA+ são crescentemente desumanizadas e usadas de palanque para pânico moral e discursos de extrema direita, acredito que seja importante dar voz a criadores queer, para que se expressem livremente e exponham suas perspectivas sobre a própria existência", conclui Miguel.

Em cena, ele divide o palco com Rafael Petito, Luar Boemer, Frida Motta, Victor Carvalho e Aldrin Cordeiro. A trilha sonora original e a operação de som são de Daniel Studart; cenografia e figurinos de Luar Boemer, com assistência de Frida Motta; iluminação de Fred Kotouc; produção de Miguel Serpa; identidade visual e programas de Mia Sérvulo.

O prédio na Praia Vermelha faz parte do conjunto histórico do antigo Pavilhão de Observação do Hospício Nacional de Alienados, erguido em 1894. No início do século 20, abrigou o Laboratório de Psicologia Experimental Teixeira Brandão, um dos primeiros espaços dedicados à pesquisa em psicologia experimental no Brasil.

Em 1986, com a Reforma Psiquiátrica, recebeu o projeto Andarilhos Mágicos, criado pelo então diretor do IPUB Rafaelle Infante para unir teatro e saúde mental. O grupo, formado por moradores da região, usuários, profissionais de saúde e artistas, estreou em 1993 "Que Pena que o mundo é assim", espetáculo que inaugurou o espaço como teatro.

Depois de anos interditado por problemas de infraestrutura, o Qorpo Santo passou por reforma viabilizada por emenda parlamentar da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) e foi reinaugurado em abril deste ano, como sala multiuso.

Isabella Moriconi/Divulgação



Miguel Serpa e Rafael Petito estão no elenco do espetáculo

> *'Entre Ratos' foi concebido para deixar o teatro explícito. Enquanto veículo, enquanto edifício, enquanto leitura da humanidade"*
>
> **DANIEL CHAGAS**

SERVIÇO

ENTRE RATOS

Teatro Qorpo Santo — IPUB/UFRJ (Rua Venceslau Brás 95, Praia Vermelha)

Até 29/11, sexta a domingo (19h)

Grátis, sem reserva antecipada divulgada. Sujeito à lotação da sala, por ordem de chegada

Reprodução



Minas Gerais segue liderando o ranking nacional de produtores, mas há rótulos sendo produzidos em todas as regiões brasileiras

Cachaça, orgulho do Brasil

Bebida mais popular do Brasil rompe preconceitos, cresce em número de destilarias e amplia exportação

AFFONSO NUNES

Faz tempor que a cachaça deixou de ser a bebida de segunda linha que o país escondia na prateleira de baixo. Em 2025, o Brasil fechou o ano com 1.583 estabelecimentos registrados na cadeia produtiva da aguardente — 272 a mais que em 2024, alta de 21%, o maior salto desde 2018. No acumulado desde aquele ano, a rede de fabricantes, padronizadores, envasadores e atacadistas cresceu 61%. Os dados são do Anuário da Cachaça 2026, publicado pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) com elaboração da Secretaria de Defesa Agropecuária.

Esse avanço tem endereço certo. O Sudeste concentra 961 estabelecimentos, puxado por Minas Gerais (564) e São Paulo (230). O Sul reúne 277, o Nordeste 211, o Centro-Oeste 70 e o Norte 19. Mais de 62% dos fabricantes, padronizadores, envasadores e atacadistas atuam em Minas. As unidades estão espalhadas por 844 municípios: Salinas (MG) lidera com 27, seguida por Alto Rio Doce (MG), com 25, e Viçosa do Ceará (CE), com 24.

A bebida também se firmou como produto de exportação. As vendas externas somaram 7,95 milhões de litros em 2025, alta de 19,4% em volume, para 76 destinos, com faturamento de US$ 17,07 milhões. Os Estados Unidos foram o maior comprador em valor; o Paraguai, em volume, com 1,34 milhão de litros.

O presidente do Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac), Vicente Bastos, avalia que o resultado ainda está abaixo do potencial do setor. "A exportação continua em um patamar pouco expressivo, especialmente quando consideramos o tamanho do setor e o mercado internacional de destilados", explica.

O dado que sustenta a ressalva é o preço. O litro exportado passou de US$ 2,18 para US$ 2,15, recuo de 1,4%. O Brasil embarca mais cachaça e recebe proporcionalmente menos por ela — enquanto destilados importados ocupam a faixa premium das gavetas.

A produção, por sua vez, encolheu. O volume declarado em 2025 foi de 234,48 milhões de litros, queda de 15,77% sobre o ano anterior. O setor mantém 6.232 empregos diretos, o equivalente a 4,4% dos postos da indústria de fabricação de bebidas, e reúne 8.379 produtos registrados no Mapa — 2.922 em Minas, 1.185 em São Paulo e 635 no Rio de Janeiro. O anuário lembra que produtos sem registro podem ter origem clandestina: entre setembro e dezembro de 2025, dezenas de casos de adulteração de destilados com metanol foram registrados no país.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR **NATASHA SOBRINHO**

Divulgação



Brunch à beira-mar

O Momento Bendito inaugura uma unidade dentro do quiosque do Espetto Carioca na orla de Copacabana.Voltado para cafés, doces, café da manhã e brunch, o Momento Bendito começa a funcionar das 8h às 12h, complementando a proposta do Espetto Carioca, conhecido pelos espetos, petiscos e bebidas. A iniciativa aproveita a estrutura existente para oferecer novas opções ao público durante a manhã, especialmente moradores e turistas que frequentam a orla.

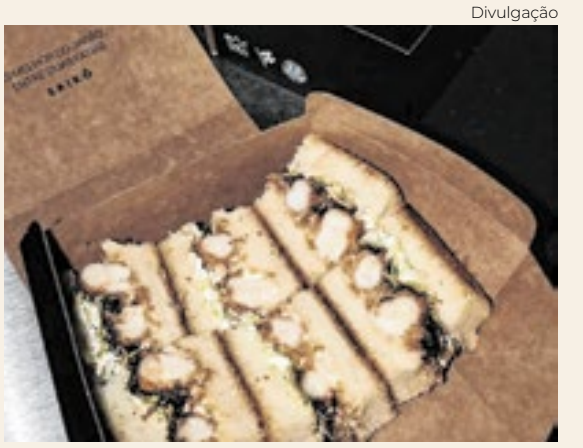
Divulgação



Um brinde à italiana

Na sexta (13) o Zona Sul promove uma viagem pelos sabores da Itália no Polo Cultural do Consulado Italiano, no Centro do Rio. Sob a curadoria do expert em vinhos Cláudio Pinto, o evento apresenta mais de 100 rótulos de 19 regiões produtoras, acompanhados de queijos, frios e outras harmonizações. A feira acontece em duas sessões, das 14h às 17h e das 18h às 21h. Os ingressos, à venda pelo Sympla custam R$ 120 e incluem degustação dos vinhos disponíveis, taça exclusiva do evento e R$ 30 em cashback para compras no Zona Sul.

Divulgação



Sabor japonês

O Saiko Sando - rede e loja paulista especializada em katsu sando (tradicional sanduíche japonês com carne empanada) - acaba de abrir sua primeira unidade carioca, na Rua Dias Ferreira, no Leblon, trazendo os tradicionais sandos para o novo endereço. No cardápio, sanduíches de frango, camarão, barriga de porco e até de wagyu, preparados com pão macio e recheios muito caprichados. Uma novidade saborosa para aqueles que apreciam os sabores da gastronomia nipônica em versões descomplicadas.

ARTIGO

PAULA MARTINEZ MELLO
Jornalista e secretária-executiva do Conselho Estadual de Direitos da Mulher – CEDIM/RJ

Um voo de liberdade, afeto e coragem

Divulgação



Gugu (Yuri Gomes) quer existir do jeito que deseja, voando livre do cerol da sociedade

Finalmente chega ao circuito nacional "Feito Pipa", longa-metragem de Allan Deberton, depois de uma bonita trajetória por festivais de cinema no Brasil e no exterior. Com 16 prêmios conquistados até novembro de 2026, o filme traz uma história que nos faz pensar sobre liberdade, afeto e o direito de cada pessoa ser quem é.

Corajoso, doce e sensível, "Feito Pipa" aborda questões de gênero e sexualidade na infância e aproxima esse debate de outros temas importantes, como velhice, Alzheimer, relações familiares e o lugar das pessoas idosas na sociedade.

Gugu, interpretado por Yuri Gomes, com quase 12 anos, é uma dessas descobertas que ficam com a gente. O menino conquista geral. É difícil não se emocionar com sua maneira de amar, de enfrentar os julgamentos e de defender aquilo que sente e acredita. Gugu quer ser respeitado em sua maneira de existir. Como uma pipa, ele voa, imune ao cerol moralista da sociedade.

> **O filme não precisa** e não dá lições. Assim, como o menino Gugu, que só precisa existir plenamente

O filme já chegou a Gramado com dois importantes reconhecimentos conquistados no Festival de Berlim: o Urso de Cristal de Melhor Filme e o Grande Prêmio do Júri Internacional da mostra Generation Kplus. Na 54ª edição do Festival de Gramado, levou quatro Kikitos: Melhor Direção, para Allan Deberton; Melhor Atriz, para Teca Pereira; Melhor Ator Coadjuvante, para Lázaro Ramos; e Melhor Filme pelo Júri Popular. Yuri Gomes também recebeu uma Menção Honrosa.

Allan Deberton conduz a história com cuidado e sensibilidade. Trata de assuntos delicados sem transformar os personagens em exemplos de uma discussão ou em porta-vozes de uma causa. São pessoas de verdade, com sentimentos, conflitos, contradições e muito afeto. O filme não precisa e não dá lições. Assim, como Gugu, ele só quer existir plenamente.

Teca Pereira, que interpreta Dilma, a avó de Gugu, está maravilhosa! Sua personagem merece um olhar especial. Dilma é uma mulher que gosta da vida, dos afetos, da liberdade e não abre mão de sua sensualidade. A personagem rompe com aquela imagem tão comum da pessoa idosa, ditada pela sociedade. Ela tem desejos, vontades, personalidade e planos. Teca traz tudo isso com muita graça, força e verdade.

Lázaro Ramos dá vida a um personagem cheio de conflitos, que precisa lidar com sentimentos difíceis e com questões que nem sempre consegue compreender ou expressar.

"Feito Pipa" não fala apenas sobre aceitar as diferenças. Fala sobre respeitar o direito de cada pessoa construir sua própria história, sem precisar se encaixar nas expectativas dos outros para ser acolhida e amada. Fala sobre infância, família, envelhecimento e, principalmente, sobre a liberdade de existir.